



A DINÂMICA PENITENCIAL DA LITURGIA

The Penitential Dynamics of Liturgy

Antonio Carlos dos Santos Junior¹

RESUMO: O presente artigo se destina à reflexão a respeito do que vem a ser a culpa do homem e de sua necessidade de purificação, levando em consideração a Fé da Igreja Católica Apostólica Romana e a dimensão penitencial presente na liturgia enquanto elemento eficaz no perdão do pecado em função da conversão pessoal e da comunhão com Deus e sua Igreja. Foram utilizadas bibliografias pertinentes à temática da liturgia, além das Sagradas Escrituras e conteúdos historiográficos.

PALAVRAS-CHAVE: Pecado; Penitência; Liturgia; Culpa; Purificação.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the concept of human guilt and the need for purification, considering the Faith of the Roman Catholic Church and the penitential dimension present in liturgy as an effective element in the forgiveness of sin for personal conversion and communion with God and His Church. Relevant literature on the theme of liturgy, as well as Sacred Scriptures and historiographical content, were consulted.

KEYWORDS: Sin; Penance; Liturgy; Guilt; Purification.

Quando se medita sobre o perdão dado em Cristo por Deus, diante do que está revelado a respeito do pecado e da misericórdia, surge o desejo de compreender como a Teologia ao longo do tempo entendeu a relação do ser humano com sua culpa, quando ele se depara com tal verdade em si e como essa culpa o leva a se relacionar com “Alguém” capaz de livrá-lo ou resgatá-lo.

As Sagradas Escrituras contam como o homem de fé se relaciona com Deus pela aliança e como o pecado é apagado pelas purificações prescritas. A Liturgia, que coloca a pessoa diante da misericórdia derramada pelo Pai, propicia vários momentos penitenciais, culminando nos sacramentos do Batismo e da Reconciliação. A questão é: como a culpa sobre o mal cometido leva a pessoa a uma experiência de Deus?

¹ Especialista em Liturgia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: antonius-jr-1993@hotmail.com

Quando a Igreja ingressa no Tempo da Quaresma, reveste-se de um colorido diferente num tom penitencial, visto as leituras proclamadas, as letras dos hinos, a eucologia e as práticas propostas como processo de purificação. É nesse Tempo que também aqueles que estão realizando o processo catecumenal em busca de uma vivência e experiência mais profunda de Deus entram num tempo chamado da Purificação e Iluminação, passando por ritos litúrgicos junto à comunidade dos batizados onde, ajudados por eles, são aproximados do Mistério Pascal de Nosso Senhor.

É sabido que já no Antigo Testamento as pessoas de fé realizavam ritos de purificação, bem como em outras tradições antigas pagãs eram realizados ritos com tal intenção. Hoje em culturas não cristãs como, por exemplo, certas tribos indígenas que mantiveram seus costumes, ainda ocorrem tais rituais. Até mesmo as novas religiões, inspiradas em antigos costumes, propiciam aos seus adeptos alguns ritos ou atos pelos quais crêem ser purificados, limpos, descarregados de energias negativas ou reorientados nos seus interiores.

O fenômeno religioso da purificação da culpa é comum no meio religioso. Há certa necessidade, portanto, do ser humano ser perdoado. Mas isso porque se percebe culpado e precisa libertar-se de suas faltas para viver melhor orientado diante daquilo que o rodeia, assim renovando suas relações com o mundo à sua volta e com a divindade.

A Revelação em Jesus Cristo coloca o ser humano no centro da atenção de Deus que quer perdoar, quer Ele mesmo se relacionar com sua criatura elevando-o à condição de filhos em Seu Filho, sendo que o único sacrifício do Cordeiro Pascal foi suficiente. Ao homem, pois, basta aderir ao Filho, ser imerso nEle e diante das faltas próprias de sua humanidade, reatar a Eterna Aliança que não se perde em meio à concupiscência.

O intuito desta pesquisa é olhar para a história do homem nos primórdios de sua prática religiosa de purificação e verificar como a humanidade começa a se relacionar com o Sagrado, até o Deus da Vida revelar-se e sacrificar-se por amor dos seus.

Buscou-se realizar um estudo e aprofundamento da Liturgia, enquanto experiência de Salvação, que apresenta ritos penitenciais em vistas da purificação do homem no relacionamento com o Senhor. Juntamente com isso, indagou-se como a experiência da culpa move o homem para a redenção; para a compreensão da Revelação do Deus Misericórdia que redime. Além disso, apresentar alguns ritos penitenciais da Igreja que o conduzem à experiência da purificação e do perdão.

O seguimento a Jesus Cristo se dá a partir de uma escuta e experiência pessoais com Ele, como aquelas citadas nos Evangelhos, por exemplo, as multidões diante das curas², os Apóstolos³, as mulheres⁴, pessoas que certamente ao estarem na presença de Jesus, deixaram-se transformar, sentiram a alegria da Salvação, pois o Evangelho “enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”⁵.

A liturgia favorece que esse seguimento aconteça, uma vez que por meio dela as pessoas se tornam filhos em Jesus Cristo, por meio do Batismo que apaga toda mancha do pecado. Mas a fragilidade humana, experimentada dia após dia, faz o fiel batizado cair diante das tentações que se lhe apresentam.

1. A experiência humana do pecado

A teologia considera a culpa como experiência humana e os atos sacramentais trazem o perdão. A culpa é um “ponto nodal” que surge do ato de “transparecer da realidade biológica em detrimento da espiritual e eterna”⁶, ou seja, esse elemento “culpa” movimenta o ser humano a uma experiência do sagrado como transcendência da simples materialidade até então compreendida. O ser humano não existe por si mesmo, mas está vinculado a algo maior e quando vê seu erro, precisa redimir sua culpa. A ação concreta de cometer algum erro, como destruir ou matar, gera na sua realidade espiritual, na consciência, a culpa como autorreflexão de si mesmo, diante da realidade.

O movimento do querer libertar-se da culpa o faz realizar gestos purificativos como banhos, transferência de culpa para animais, ou outros tipos de sacrifícios, usando de artifícios materiais para limpar sua dimensão espiritual; nisso “se percebe algo como o balbuciar de uma consciência de que o homem, no dobrar-se sob a verdade de sua culpa, experimenta a proximidade do seu Deus”⁷.

² Cf. Mt 4,23-25. Todas as citações bíblicas foram retiradas de: BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

³ Cf. Mc 3,13-19.

⁴ Cf. Lc 8, 1-3; Jo 4.

⁵ PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fieis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013, n. 1.

⁶ RATZINGER, Joseph. *Teologia da Liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã*. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 203.

⁷ RATZINGER, Joseph. *Teologia da Liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã*. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 204.

Apesar de haver certo envolvimento no que tange à culpa e ao pecado, há de se recorrer aos conhecimentos das pesquisas sobre a dinâmica do sentimento da culpa e de culpa no sentido jurídico.

Culpa jurídica tem a ver com a falta contra um dever ou uma lei e está vinculada a uma questão moral diante de uma violação da ordem⁸. O dicionário dirá que culpa é o “sentimento despertado como consequência de uma negligência, sem propósito de lesar, mas que causou dano ou ofensa a outrem” e também a “violação de uma regra de conduta, de que resulta lesão do direito alheio, provocando no indivíduo um estado ou qualidade de culpado”⁹.

O interesse aqui não é aprofundar a compreensão psicoemocional ou mesmo os efeitos jurídicos de uma pessoa culpada, mas verificar como religiosamente isso ocorre. Em termos de fé, há o pecado que, conseqüentemente, gera a culpa. O *Catecismo da Igreja Católica* assim o define:

[...] é uma falta contra a razão, a verdade, a reta consciência. É uma falha contra o verdadeiro amor para com Deus e para com o próximo, por causa dum apego perverso a certos bens. Fere a natureza do homem e atenta contra a solidariedade humana. Foi definido como uma palavra, um ato ou um desejo contrários à Lei eterna¹⁰.

O pecado é aqui entendido a partir da experiência religiosa monoteísta, de modo particular no judaísmo, quando o ser humano toma consciência de sua responsabilidade, de seu erro diante da Lei de Deus. Ao estudar a origem do pecado, segundo as Sagradas Escrituras, vê-se que o ser humano toma uma decisão que o tira da harmonia original de tal modo que é expulso do Paraíso¹¹.

A culpa leva a uma necessidade de expiação ou de reparação. É assim que funciona um julgamento, por exemplo. Mas no sentido religioso há uma relação entre aquele que deve e aquele que é o credor da dívida gerada¹². O Antigo Testamento dá uma visão do modo de se fazer expiação ritual, especialmente através do sacrifício de animais: “apresentará ao Senhor, pelo pecado que cometeu, um bezerro sem defeito, como oferta

⁸ Cf. OLIVEIRA, Adriano Machado; CASTRO, Eduardo Guilherme. Entre Deus, a culpa e o pecado. *PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 2, p. 253-259, abr./jun. 2009, p. 253.

⁹ CULPA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Editora Positivo, 2004, p. 590.

¹⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 1999, n. 1849.

¹¹ Cf. MESTERS *apud* PEREIRA, Gylmara de Araújo. *A Culpa e suas relações com a religiosidade e com o sentido da vida*. 2012. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012, f. 20.

¹² Cf. PEREIRA, Gylmara de Araújo. *A Culpa e suas relações com a religiosidade e com o sentido da vida*. 2012. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012, f. 27.

pelo pecado”¹³; “ao se tornar conhecido o pecado que cometeu, a assembléia apresentará como oferta pelo pecado um bezerro”¹⁴. Os pecados apresentados no Antigo Testamento são sempre um mal moral cometido.

Segundo Rocchetta, são mais de trinta termos que indicam o pecado, por exemplo: erro, desobediência, injustiça, fraqueza, infidelidade, transgressão. De modo geral, entende-se o pecado como “erro de perspectiva, pois consiste em dar valor absoluto a algo que não é absoluto ou, vice-versa, em não considerar absoluto aquilo que o é”¹⁵.

A condição do pecado como algo inerente ao homem vem da Revelação bíblica que afirma que o pecado deriva da culpa original, ou seja, ele está na natureza do ser humano, enquanto que as culpas pessoais são derivações do pecado originário e da oposição a Deus e ao seu desígnio, leva ao afastamento, pelo fato de desmanchar a relação com o Criador, tornando o homem infeliz, pois está em desarmonia com a originalidade e finalidade de sua criação¹⁶.

Característica do pecado é sua universalidade e aqui se vai desvelando o mistério do mal. Deus realizou uma Aliança, mas seu povo se manchou nos seus pecados, especialmente na idolatria¹⁷, que ofende a Deus, pois é a recusa deliberada de Sua vontade. Seja essa recusa de modo comunitário: “eles (o povo) se rebelaram contra mim”¹⁸; “Tu fazes misericórdia a milhares, mas punes os pais”¹⁹ ou de modo pessoal: “a maldade será imputada ao ímpio”²⁰, sempre haverá um julgamento a respeito das escolhas. Uma vez que “nenhum homem está isento”²¹, todo o povo busca a redenção sobre suas iniquidades.

Rocchetta apresenta ainda que o pecado é um ato contra Deus em seu projeto de amor e contra o ser humano mesmo, uma vez que divide a humanidade e, por isso, o pecado leva à morte: “não comerás... decerto morrerás”²²; é um elemento hereditário: “fui gerado na iniquidade e minha mãe concebeu-me pecador”²³, mas é um ato consciente e de livre

¹³ Lv 4, 3.

¹⁴ Lv 4, 14.

¹⁵ ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé*: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 335.

¹⁶ Cf. ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé*: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 336.

¹⁷ Cf. Ex 32, 8.

¹⁸ Is 1, 2.

¹⁹ Jr 32, 18.

²⁰ Ex 18, 20.

²¹ ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé*: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1991, p.338.

²² Gn 2, 17.

²³ Sl 51, 7.

vontade, ou seja, o homem decide por si o que é mau ou bom, rompendo a aliança com Deus e com o mundo e, assim, as relações se rompem lançando o ser humano à morte²⁴. O pecado é, pois, rompimento com a Aliança e quebra do diálogo do ser humano e Deus, rompimento da fidelidade e posse do lugar de Deus dando espaço para a morte.

Deve-se dizer, aliás, que no Antigo Testamento o pecado não é, em primeiro lugar, a relação primária do homem com Deus. Na perspectiva da aliança, deve-se dizer, ao contrário, que Deus constitui Israel como seu povo, povo santo, e que a lei é o modo de viver e fazer respeitar essa santidade comunitária: por isso é que o pecado supera o indivíduo, alcança todo o povo e impede a comunidade de ser ela mesma²⁵.

Desligando-se da unidade do povo, o ser humano se lança numa solidão como uma “ovelha desgarrada”²⁶, mas não esquecida. A toda humanidade é proposta uma Aliança definitiva sob uma lei que não está nas pedras, mas no coração transformado²⁷ pela salvação realizada em Jesus Cristo.

O Antigo Testamento ainda apresenta que a condição do perdão é a conversão, isto é, abandonar o coração endurecido²⁸, retornar a Deus que salva seu povo²⁹, deixar os velhos hábitos perversos³⁰ voltando para o Senhor³¹: abandonar o mal e voltar ao Senhor³².

Diante da condição de pecado sob o qual a humanidade estava submetida, “Cristo liberta o homem de sua condição de pecado e o faz caminhar em uma vida nova”³³ sob uma nova lei, a do espírito: “os que vivem segundo a carne desejam as coisas da carne, e os que vivem segundo o espírito, as coisas que são do espírito”³⁴.

A experiência humana do pecado é compreendida por meio da Revelação, uma vez que Cristo revela ao homem o seu próprio ser³⁵.

²⁴ Cf. ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé*: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 338.

²⁵ MAGGIONI *apud* ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé*: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 339.

²⁶ Mt 18, 12-13.

²⁷ Cf. Ez 36, 22-32

²⁸ Cf. Sl 4,3.

²⁹ Cf. Is 44, 21.

³⁰ Cf. Jr 18, 11.

³¹ Cf. Os 6,1.

³² Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 150.

³³ ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé*: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 339.

³⁴ Rm 8, 5.

³⁵ Cf. PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor Hominis no início do seu ministério pontifical*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html. Acesso em: 1º ago. 2021, n. 10.

O homem que a si mesmo se quiser compreender profundamente [...] deve aproximar-se de Cristo [...] A Redenção, operada na cruz, restituiu definitivamente ao homem a dignidade e o sentido da sua existência no mundo³⁶.

Apesar de Jesus não ter vivido a condição de pecado, Ele o tomou sobre si, se fazendo pecado e tirando-o do mundo³⁷ de modo que não há mais a condenação daqueles que Nele foram libertados³⁸. E todo aquele que foi batizado é um liberto do pecado original e de todos os pecados³⁹ de modo que sua vida é incorporada na vida de Cristo e da Igreja, tornando aquele que pelo pecado estava isolado e incapaz da Redenção plena, em Cristo, pelo Batismo, ser reunido ao rebanho do Senhor⁴⁰.

É Cristo mesmo quem dá o sentido para o pecado no Novo Testamento. É algo inerente no homem: “quem não tem pecado, atire a primeira pedra”⁴¹ e foi para os pecadores que Ele veio⁴². Pecado, então, é a rejeição da Palavra⁴³, permanência na cegueira⁴⁴, iniquidade⁴⁵, submissão às obras de Satanás⁴⁶. São Paulo traz a noção de *hamartia*, ou seja, a transgressão que gera as transgressões⁴⁷; é o pecado original que engendra os pecados, os quais ele mesmo lista⁴⁸ enquanto atos, por exemplo: devassidão, adultério, roubo, injúrias⁴⁹.

Deus é misericordioso em relação aos pecados, conforme o Evangelista Lucas conta na parábola do Pai Misericordioso, que não prende o filho, apesar de sua decisão e o recebe com alegria após sua conversão⁵⁰. Assim como Deus é misericordioso, também os cristãos assim o são chamados a ser para entrarem no Reino de Deus⁵¹. O maior ato de misericórdia de Deus foi enviar seu Filho para vencer o pecado⁵².

³⁶ PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio sobre a validade permanente do mandato missionário*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 1º ago. 2021, n. 2.

³⁷ Cf. Jo 1, 29.

³⁸ Cf. Rm 8 1-4.

³⁹ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 1999, n. 1236.

⁴⁰ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 1999, n. 1267-1271.

⁴¹ Jo 8,7.

⁴² Cf. Mc 2,17.

⁴³ Cf. Jo 3, 19.

⁴⁴ Cf. Jo 9, 41.

⁴⁵ Cf. 1Jo 3, 4.

⁴⁶ Cf. Jo 8, 44.

⁴⁷ Cf. Rm 5,12-19.

⁴⁸ Cf. 1Cor 6, 9-10.

⁴⁹ Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 153.

⁵⁰ Cf. Lc 15, 11-32.

⁵¹ Cf. Mt 5, 7.

⁵² Cf. Jo 1, 29.

Diante da mensagem de misericórdia, cabe ao ser humano mudar de vida, converter-se ao seguimento de Jesus. Não são meros cumprimentos da Lei, mas um seguimento radical que dura a vida toda como adesão a Cristo.

[...] a conversão é apresentada como processo de três etapas. Primeiro, tomada de consciência do pecado e da necessidade de se libertar dele; depois, adesão à pessoa de Cristo na fé na realização do seu mistério pascal; enfim, a vontade firme de caminhar com Cristo para a realização do plano divino. [...] É o poder de Cristo que perdoa o pecado, e na sua morte e ressurreição nos torna criaturas novas⁵³.

Mesmo com a imensa graça batismal, o cristão ainda sofre a fraqueza diante das tentações. É alguém capacitado a vencer o mal pela graça de Deus, mas com o decorrer de sua história é que a assimilação a Cristo acontece, ou seja, na conversão permanente, mesmo que com quedas mais sérias. Da realidade do pecado cometido após o Batismo é que provém a necessidade do sacramento da penitência como atualização do Mistério redentor na alma do batizado⁵⁴.

2. O Sacramento da Penitência como experiência da misericórdia

A verdade de que Deus quer salvar o ser humano é compreendida à medida da proximidade com a Revelação, pois Ele “que nos criou sem nós, não quis salvar-nos sem nós”⁵⁵. Desde o início, após a queda do homem, Deus providenciou maneiras de resgatar e trazer para perto sua criatura amada. Da experiência do pecado, o ser humano buscou estar diante de seu Criador de forma purificada pela honra de Seu Nome.

Enquanto o Antigo Testamento revela a misericórdia de Deus através da purificação vivenciada através de ritos diversos, o Novo Testamento praticamente não dá muitos sinais de liturgias penitenciais, a não ser o gesto de batizar de João Batista⁵⁶ presente nos Evangelhos segundo Mateus (3, 1-6), Marcos (1, 4), Lucas (3, 3) e João (1, 2).

⁵³ NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 154.

⁵⁴ Cf. ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 340

⁵⁵ AGOSTINHO, Santo. *Sermão 169*, 11,13: PL 38,923 *apud* PAPA BENTO XVI. Mensagem de sua santidade Bento XVI para a celebração do Dia Mundial da Paz. 1 de janeiro de 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20061208_xl-world-day-peace.pdf. Acesso em: 30 dez. 2023.

⁵⁶ Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 154.

A Igreja, seguindo a ordem do Senhor de evangelizar e batizar até que Ele volte⁵⁷, foi desenvolvendo o que se conhece por sacramentos que são ações performáticas, sinais de Cristo e sua Salvação no hoje da história⁵⁸.

Pelo Batismo se confirma a fé que antecede e se infunde pelo sacramento. Com tal incorporação a Cristo, como efeito batismal, o cristão é liberto do pecado – pois crê na salvação de Deus – é feito filho através do sinal espiritual indelével de pertença a Cristo para viver na comunhão com a Igreja e produzir frutos de salvação⁵⁹. Imerso na morte de Cristo e ressuscitado com Ele, o ser humano é purificado do pecado. É uma morte simbólica na cruz de Cristo que assumiu a condição humana⁶⁰:

És, portanto, crucificado. Prendes-te ao Cristo. Prendes-te aos pregos de Nosso Senhor Jesus Cristo, para que o diabo daí não te possa arrancar. Que te sustentem os cravos do Cristo, dos quais a fraqueza da condição humana tenta desprender-te⁶¹.

Há no cristão a luta contra a inclinação para o pecado e também a possibilidade de cair, como acontece. São Paulo já alertava para não permitir que o pecado domine aqueles que estão sob a graça, cuidando para que o corpo não se entregue às paixões, mas seja oferecido a Deus como “armas de justiça e serviço”⁶². Santo Agostinho aponta a realidade da fraqueza humana e uma incapacidade de não pecar dizendo que: “o homem não pode, enquanto está na carne, evitar todos os pecados, pelos menos os pecados leves”⁶³ como, inclusive recorda o Livro dos Provérbios: “até o justo peca sete vezes ao dia”⁶⁴.

2.1. A penitência na história da Igreja

A santidade do cristão não se dá pela ausência de pecados, mas pelo reconhecimento de sua condição diante de Deus. A Igreja compreendeu, desde o início de sua missão, seu papel de anunciadora do perdão divino e da misericórdia, no decorrer dos séculos. Mesmo assim, tenta-se esboçar o modo como amadureceu a disciplina sacramental penitencial.

⁵⁷ Cf. Mt 28, 19-20.

⁵⁸ Cf. AGNELO *apud* AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão. *Os Sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja Primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 18.

⁵⁹ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 1999, n. 1213-1274.

⁶⁰ Cf. AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão. *Os Sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja Primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 59.

⁶¹ AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão. *Os Sacramentos e os mistérios: iniciação cristã na Igreja Primitiva*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 59.

⁶² Rm 6, 13.

⁶³ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 1999, n. 1863.

⁶⁴ Pr 24, 16.

Na apresentação desse esboço, sem o desejo de aprofundar de forma exaustiva cada tempo histórico, serão destacados momentos vivenciados pela Igreja e como ela se via diante da realidade humana frágil e pecadora. Por vezes, pode parecer que há certo relativismo no perdão ou mesmo na autoridade de perdoar.

Tendo em vista o Novo Testamento, que apresenta pouca ação ritual em relação ao arrependimento diante dos pecados, nos primórdios, a comunidade de fé traz consigo uma linha teológica penitencial profética através da conversão do coração. O pecador era retirado da comunidade por um tempo até que fosse reintegrado, mas não deveria ser tratado como inimigo, mas ser corrigido como irmão⁶⁵. Mesmo aquele que recebe o Batismo incorre em erros, como o caso de Simão que quis comprar a imposição das mãos e foi advertido por Pedro que orasse pedindo de Deus o perdão⁶⁶. Outros escritos apontam o temor dos cristãos de recaírem em função de concupiscência⁶⁷.

Jesus, segundo o evangelista Mateus, dá a Pedro a autoridade de ligar e desligar, o dito poder das chaves⁶⁸, e à Igreja⁶⁹, ou seja, à autoridade da Igreja compete designar o afastamento, ou não, de um membro pecador. No Evangelho segundo João, Jesus diz que “aquele a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes, ser-lhes-ão retidos”⁷⁰. É poder dado aos Apóstolos, portanto autoriza a Igreja a readmitir o pecador que busca a conversão. E São Paulo salienta a autoridade do chefe da comunidade e o posicionamento da Igreja diante do irmão que erra: “Àquele a quem perdoais, eu perdooo”⁷¹. São Tiago exorta a oração da comunidade⁷² como elemento fundamental da penitência, além do reconhecimento da condição de pecador⁷³.

Os primeiros escritos da Igreja nascente falam de uma exomologese, ou seja, uma confissão pública em sentido de reconhecimento individual do estado de pecador que suplica a oração da comunidade. A *Didaqué* dá algumas referências de penitências: “Se você ganha alguma coisa com o trabalho de suas mãos, ofereça-o como reparação por

⁶⁵ Cf. 2Ts 3, 15.

⁶⁶ Cf. At 8, 18-24.

⁶⁷ Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 156.

⁶⁸ Cf. Mt 16, 19.

⁶⁹ Cf. Mt 18, 18.

⁷⁰ Jo 21, 23.

⁷¹ 2Cor 2, 10.

⁷² Cf. Tg 5, 16.

⁷³ Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 160.

seus pecados”⁷⁴ e também “confesse as suas faltas na reunião dos fiéis, e não comece a sua oração com má consciência”⁷⁵.

A confissão aqui não aparece como sacramento juridicamente estruturado. Provavelmente, os cristãos declaravam seus pecados em comunidade, e esta era responsável pelo perdão. Para que a comunidade esteja viva são necessários a confissão e o perdão, que abrem sempre a possibilidade de se converter ao projeto de Deus. A oração autêntica é feita dentro do projeto de Deus e em vista da sua realização (Cf. 1Jo 5,14)⁷⁶.

Não havia na *Didaqué*, portanto, uma ação sacramental específica, além do Batismo, que concedesse o perdão dos pecados, mas o que se pedia em geral era um coração convertido como penitência e submissão aos líderes das comunidades que definiam o que realizar diante do mal realizado. Havia muitos ensinamentos sobre o que evitar e como evitar, mas sem clareza da forma como se trabalhavam as faltas. O *Pastor de Hermas*, por sua vez, aponta para uma única possibilidade, após receber o Batismo, de fazer penitência e ser perdoado⁷⁷.

Os séculos seguintes desenvolveram escritos de caráter jurídico, como a *Didascália dos Apóstolos* do séc. III que dá ao bispo o poder de decidir a respeito da gravidade da culpa e, após a imposição de mãos sobre o pecador, este é excomungado com sentido de proteger a moralidade da comunidade, seguido de um período de até sete semanas para que o membro fosse readmitido. Durante o tempo de excomunhão, o pecador era acompanhado pela oração da Igreja e pelo diácono, ou mesmo pelo bispo, que avaliavam e ajudavam no processo do arrependimento⁷⁸.

As *Constituições Apostólicas* do séc. IV apresentam um ritual que se destaca pela exortação a respeito do perdão que Deus quer dar ao ser humano, seguida de uma prece implorando a misericórdia de Deus que deseja “que restitua os pecadores à Igreja e lhes dê o perdão”⁷⁹.

Tertuliano afirma que a confissão é a condição do perdão, e só pode ser concedida uma única vez já que voltar a pecar é impensável, além da prática da caridade fraterna como

⁷⁴ *Didaqué* 4, 6. In: PADRES APOSTÓLICOS. Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, *Didaqué*. 4. ed. vol. 1. São Paulo: Paulus, 2008.

⁷⁵ *Didaqué* 4, 14. In: PADRES APOSTÓLICOS. Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, *Didaqué*. 4. ed. vol. 1. São Paulo: Paulus, 2008

⁷⁶ *Didaqué* 4, 14. In: PADRES APOSTÓLICOS. Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, *Didaqué*. 4. ed. vol. 1. São Paulo: Paulus, 2008

⁷⁷ Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 169.

⁷⁸ Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 172.

⁷⁹ NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 172.

penitência e gratidão pelo perdão recebido. Ele ainda faz distinção dos pecados perdoáveis e os irremissíveis, como “idolatria, homicídio, adultério, fornicação, blasfêmia, mentira e falso testemunho”⁸⁰.

Os *lapsis* eram malvistas pelos bispos porque apostavam por conveniência ou por medo de perder suas vidas, uma vez que o governo não colaborava com a liberdade cristã. Enquanto Hipólito foi bastante severo com os apóstatas, Cipriano de Cartago recomendava que cada caso fosse verificado e uma penitência lhes fosse imposta. Orígenes segue Tertuliano, mas ainda distingue os pecados que levam à morte que são imperdoáveis, e o pecado contra o Espírito, afirmando ainda que só se deve receber o perdão uma só vez mediante sacrifícios e o reconhecimento do bispo. Inocêncio I estabelece a Quinta-feira da Semana Santa como dia da reconciliação e ao que estiver em perigo de morte, será reconciliado em função da Páscoa⁸¹.

São Cesário de Arles lista os pecados e considera alguns que não são graves como os pensamentos impuros e a concupiscência dos olhos, e também é muito solícito com os moribundos, mas orienta que não se deve esperar chegar o fim da vida para se reconciliar – algo que era comum. Ele recomendava o cilício como penitência, além da impossibilidade da comunhão. Quando o cilício lhe era retirado e a comunhão restituída, o cristão deveria levar uma vida frugal evitando a recaída⁸².

Santo Ambrósio absolvía somente uma vez aos pecados graves e aos pecados menos graves já era válida a penitência chamada “cotidiana”. Santo Agostinho leva em consideração o modo como a culpa é adquirida, ou seja, se o pecado cometido foi por malícia, ignorância ou fraqueza. Sendo, pois, mediante malícia, deve-se recorrer ao bispo para que lhe seja imposta penitência. Para ele “a Igreja não deve recusar a absolvição a nenhum pecado, e a quem se acha no desespero deve oferecer o oásis da penitência”⁸³.

Um último destaque deste período é o fato de que os clérigos não recebiam imposição de penitência, mas se recomendava a retirada para a solidão⁸⁴.

⁸⁰ NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 174.

⁸¹ Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 176.

⁸² Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 177.

⁸³ NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 178.

⁸⁴ Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 179.

Até o séc. VII os pecados eram acusados e se conhecia o penitente de forma pública. A partir do escrito *Penitencial*, atribuído a Teodoro de Cantuária, sabe-se que tais práticas severas não eram mais realizadas, tanto que a reconciliação poderia ser dada várias vezes e em qualquer período do ano, não somente na Quaresma. É neste tempo que surgem as tarifas de expiação que são proporcionais às culpas e após serem cumpridas, o penitente voltava ao confessor que lhe dava a absolvição. Aos clérigos não se impunha tarifa, mas somente a profissão monástica poderia lhes livrar das culpas. Os textos chamados *Penitenciais*, apesar de parecerem menos severos que a disciplina dos séculos anteriores, insistiam na conversão do coração⁸⁵.

Desta época é conhecido o *Sacramentário Gelasiano* de 750 d.C. do qual sublinha-se que para os pecados públicos a penitência é pública e para os pecados secretos a penitência é privada, e que a teologia da reconciliação, ligada ao Mistério Pascal, é paralela a do Batismo. Arrepentido, o pecador se converte e é absolvido, sendo sempre acompanhado da oração da Igreja, que mesmo tendo sido ferida pelo pecado individual, não abandona seus membros, mas quer, assim como o próprio Senhor, que o pecador tenha vida⁸⁶.

Com o surgimento de outros textos rituais com influências de diversas regiões, especialmente os germânicos e os francos, muitas fórmulas foram desenvolvidas para realização da penitência, algumas até cheias de rituais no caso de penitência pública, dando origem à chamada Ordem dos Penitentes. Foi no IV Concílio do Latrão, em 1215, que se tratou de forma jurídica o segredo de confissão. Aliás, esse modo jurista de se vivenciar a penitência durou vários séculos, colocando os sacerdotes como verdadeiros juízes nos tribunais/confessionários. Nos arredores do Concílio de Trento (1545-1563) a Igreja sofria com a Reforma, pela necessidade de se defender e de expor melhor os sacramentos. Em relação ao sacramento da Reconciliação, o Concílio apresenta o confessor como representante de Deus que perdoa os pecados do penitente e de forma secreta. Basicamente o que se conhece hoje da confissão foi determinado naquele Concílio: a acusação dos pecados sendo a confissão um ato de louvor a Deus, a obrigatoriedade de ser realizada ao menos uma vez por ano, a absolvição como ato judiciário e o acesso à comunhão eucarística só é permitido após confissão em caso de

⁸⁵ Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 183.

⁸⁶ Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 189.

pecados graves, uma vez que a Eucaristia não perdoa pecados graves como certo pensamento estava nascendo naquele tempo. O livro ritual que resultou de tais definições simplifica as formas anteriores, não dando lugar à Palavra de Deus, ou ao diálogo, ou imposição de uma penitência, nem mesmo ligação com a comunidade e somente o sacerdote, como juiz, absolve o pecador⁸⁷.

3. A dinâmica penitencial nos dias de hoje

O mistério da misericórdia de Deus se desdobra na Igreja através dos séculos de modo admirável. Diferente dos povos antigos que, por iniciativa sua, realizavam gestos penitenciais para aplacar a ira da divindade, os cristãos vivenciam a iniciativa de Deus por meio de Jesus que quer perdoar. Só Deus perdoa e este poder foi transferido aos Apóstolos e seus sucessores, por meio de Cristo, a Igreja e “a expressão mais eminente desse desdobramento é o Sacramento da Penitência”⁸⁸.

A celebração da Penitência é um verdadeiro encontro com Jesus que “cura, ressuscita e santifica”, pois é certa a presença dEle e da Igreja no ministro ordenado de modo que a absolvição é eficaz quando há verdadeiro arrependimento enquanto decisão pessoal e compromisso de conversão⁸⁹.

Nota-se também que este sacramento é um evento de libertação, como um novo Batismo em vista da recaída do ser humano na morte espiritual, e santificação através da participação da vida de Deus pela recuperação da graça batismal. Tal evento acontece de forma eclesial, pois só a Igreja medeia necessariamente a reconciliação com Deus e, vinculado a isso, é um evento pessoal pois envolve a escolha pela conversão de cada homem e mulher⁹⁰.

A expressão ritual do Sacramento da Penitência, após o Concílio Vaticano II, recuperou a relação da celebração com as Sagradas Escrituras. Até então era visível o aspecto jurídico na sua realização e buscando nas fontes bíblicas foi descoberto o sentido

⁸⁷ Cf. NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos: teologia e história da celebração*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 203-208.

⁸⁸ ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 350.

⁸⁹ Cf. ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 352.

⁹⁰ Cf. ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 354.

do juízo presente na absolvição sacramental como expressão da “realização do mistério da salvação em favor do homem”⁹¹.

O “juízo” na Bíblia é sempre a destruição do pecado e o início de um mundo novo (basta pensar no dilúvio). No sacramento da Penitência o pecado é realmente cancelado e inicia-se vida realmente nova, de graça e reconciliação. Por essa razão, a Igreja definiu como verdade de fé o caráter “judiciário” desse sacramento, com tudo o que isso significa no âmbito da eficácia sacramental⁹².

Essa relação com as Sagradas Escrituras é visível na estrutura do rito, de forma que são três formas possíveis de celebrar a Penitência, conforme a circunstância, mas a estrutura de fundo é a mesma. A “acolhida” já faz menção aos encontros de Jesus com, por exemplo, o paralítico⁹³ e aquele do Pai misericordioso com seu filho no capítulo quinze do Evangelho segundo Lucas. A “proclamação da Palavra”, pouco valorizada na celebração individual, mas presente e recomendada pelo ritual, recorda ao penitente o convite que Deus faz para a conversão e a verdade do perdão dos pecados. A Palavra ilumina o ato do arrependimento interior que se manifesta na acusação dos próprios pecados a serem reparados por meio da penitência imposta pelo confessor, especialmente a caridade, expressando a conversão. A “reconciliação sacramental” é a absolvição acompanhada da imposição de mãos como gesto da efusão do Espírito e a remissão dos pecados. Por fim, a “despedida” que é uma breve ação de graças pelo perdão recebido e a paz restabelecida entre o penitente e Deus e, conseqüentemente, com a Igreja⁹⁴.

3.1. Outras formas de experimentar a misericórdia

As maiores experiências da reconciliação na Igreja se dão por meio do Batismo e da Confissão. Mas há ainda formas sacramentais nas quais se experimenta a misericórdia, como quando ao celebrar a Eucaristia, por exemplo, se pede o perdão dos pecados mais de uma vez, aliás a Celebração Eucarística está repleta de orações onde se suplica o perdão de Deus e a purificação para celebrar dignamente os Santos Mistérios⁹⁵. Também

⁹¹ ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé*: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 357.

⁹² ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé*: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 358.

⁹³ Cf. Lc 5, 17-26.

⁹⁴ Cf. ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé*: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 358-360.

⁹⁵ Cf. IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023, *passim*.

ao iniciar a Quaresma todo o povo se reúne para impor as cinzas em sinal de busca do perdão através da conversão. O uso da água benta também é recorrente como sinal que faz memória do Batismo e à libertação do mal. As obras de misericórdia, apesar de não fazerem parte do patrimônio litúrgico, são sinais penitenciais da busca por amar mais profundamente a Deus e converter o coração para Ele.

Tome-se a mistagogia do ato penitencial realizado durante a Celebração Eucarística que, apesar de ser um gesto que não tem caráter sacramental no sentido de absolvição como do sacramento da Penitência, é um gesto purificador para que o fiel se coloque na presença do Senhor. Este ato está logo nos ritos que introduzem a Santa Missa realizando a preparação da comunidade celebrante para estar diante de Deus, pois o ser humano sabe que precisa estar limpo diante do Santo dos Santos, de mãos e coração purificados⁹⁶.

Para a Bíblia, o puro, o justo não é aquele que está sem pecado, mas aquele que reconhece o seu pecado. Eis o sentido do convite que o celebrante dirige à assembleia: “Irmãos e irmãs, reconheçamos as nossas culpas para celebrarmos dignamente os santos mistérios”. “*Fratres, agnoscamus peccata nostra*”, recita o texto latino, a dizer que o primeiro ato que a assembleia é chamada a realizar, agora que está reunida na presença de Deus, é “*agnoscere*”, reconhecer a própria condição de pecado, fazendo sua experiência do salmo *Miserere*: “*Iniquitatem meam ego congnoisco*”, “reconheço a minha iniquidade” (Sl 50, 5). O justo é, portanto, o pecador consciente de seu pecado⁹⁷.

Boselli apresenta a estrutura teológica do rito que recorda algumas passagens bíblicas e também recupera a Sagrada Tradição da Igreja, particularmente aquilo que se lê na *Didaqué*, a qual orienta que antes do sacrifício litúrgico cada um confesse as suas faltas⁹⁸. Tal estrutura apresentada de forma resumida comporta: o invitatório como convite do chefe da comunidade a rasgar o coração⁹⁹ e humilhar-se no templo qual publicano¹⁰⁰; silêncio onde o fiel se depara com o próprio mistério como intensa solidão diante de si e de Deus; a confissão comunitária do pecado onde se assume a falta e se pede o perdão de Deus em comunidade; por fim, a bênção, chamada absolvição, que consiste na invocação do nome de Deus misericordioso sobre a assembleia¹⁰¹.

Sobre a significação da absolvição do ato penitencial, ele expressa que verdadeiramente perdoa a pessoa que reconhece sua limitação, mas enquanto pecados veniais ou menores. Outro momento celebrativo que proporciona esse reconhecimento da falta cometida é o exame de consciência e pedido de perdão e conversão nas Completas,

⁹⁶ Cf. BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da Liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 36.

⁹⁷ BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da Liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 37.

⁹⁸ Cf. BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da Liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 44.

⁹⁹ Cf. J1 2, 12.

¹⁰⁰ Cf. Lc 18, 9-14.

¹⁰¹ Cf. BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da Liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 44-48.

parte da Liturgia das Horas, como último momento do dia cronológico para se purificar diante do Criador, em vista da continuidade da missão e vida cristã. Agora em relação aos pecados graves, que são aqueles que ferem a comunhão eclesial de forma profunda, eles exigem do penitente um tempo oportuno de reflexão e conversão e o sacramento da Penitência¹⁰².

O Magistério da Igreja tem alertado para a perda de sentido do pecado. É preciso fortalecer, na catequese e no pastoreio, a realidade da pessoa em sua condição, para que permita a ação de Deus que quer purificar o homem de suas faltas. “O maior pecado de hoje é que os homens perderam o sentido do pecado”, afirmou o Papa Francisco recordando a frase do Papa Pio XII¹⁰³. Saber-se pecador é reconhecer que a relação com Deus é primordial para uma vida segundo o fundamento da Criação e perceber-se no processo da santificação e vivência do Reino que Cristo anunciou e que a Igreja continua a anunciar.

Conclusão

Ao deparar-se com a verdade de Deus de que o pecado é um elemento constitutivo do ser humano que tende a perfazer-se e isolar-se em suas próprias seguranças temporais, percebe-se que a Igreja nunca deixou de cuidar dos seus membros e, a exemplo do seu Senhor, encontrou meios, pautados nas Sagradas Escrituras e na Sagrada Tradição, para trazer o homem para junto de Deus, enquanto peregrina neste mundo. O Evangelho, quando vivido e assumido, mesmo que de forma gradativa, cura as feridas à medida que cada um se dispõe a viver de forma cristã.

É parte do *homo religiosus* estar em contato com a realidade do sagrado e, como a Igreja vive sobre a Verdade Revelada, anuncia que o relacionamento com Deus se dá por meio de Cristo que resgata o homem de suas debilidades e o eleva a algo mais, à altura do Filho de Deus. Mesmo que a pessoa, por sua fraqueza, caia no erro e afaste-se da Verdade, há a certeza do encontro com a Misericórdia Eterna que quer a vida para o pecador arrependido.

¹⁰² Cf. BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da Liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2019, p. 51.

¹⁰³ PAPA FRANCISCO. *Se perdemos o sentido do pecado, o maior dos pecados parece pequeno*. Disponível em: http://www.archivioradiovaticana.va/storico/2014/01/31/se_perdemos_o_sentido_do_pecado,_at%C3%A9_o_maior_dos_pecados_parece/por-769029. Acesso em: 1º ago. 2021.

Através da prática penitencial, especialmente pelo Sacramento da Penitência, os cristãos deste tempo poderão viver mais plenamente as riquezas que a vida em comunidade proporciona, tornando-se mais autênticos na fé que professam e mais fecundos no ministério que exercem.

Referências

AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão. *Os Sacramentos e os mistérios*: iniciação cristã na Igreja Primitiva. Petrópolis: Vozes, 2019.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da Liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Paulus, Ave-Maria, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. Reformado por Decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade S. S. o Papa Paulo VI e revisto por S. S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023.

NOCENT, Adrien *et al.* *Os sacramentos*: teologia e história da celebração. São Paulo: Paulinas, 1989.

OLIVEIRA, Adriano Machado; CASTRO, Eduardo Guilherme. Entre Deus, a culpa e o pecado. *PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 2, p. 253-259, abr./jun. 2009. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1499>.

Acesso em: 15 maio 2021.

PADRES APOSTÓLICOS. Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, Didaqué. 4. ed. vol. 1. São Paulo: Paulus, 2008. (Patrística).

PAPA BENTO XVI. Mensagem de sua santidade Bento XVI para a celebração do Dia Mundial da Paz. 1 de janeiro de 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20061208_xl-world-day-peace.pdf. Acesso em: 30 dez. 2023.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fieis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.

PAPA FRANCISCO. *Se perdemos o sentido do pecado, o maior dos pecados parece pequeno.* Disponível em:

http://www.archivioradiovaticana.va/storico/2014/01/31/se_perdemos_o_sentido_do_pecado,_at%C3%A9_o_maior_dos_pecados_parece/por-769029. Acesso em: 1º ago. 2021.

PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptor Hominis no início do seu ministério pontifical.* Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html. Acesso em: 1º ago. 2021.

PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio sobre a validade permanente do mandato missionário.* Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html Acesso em: 1º ago. 2021.

PEREIRA, Gylmara de Araújo. *A Culpa e suas relações com a religiosidade e com o sentido da vida.* 2012. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4219>. Acesso em: 1º ago. 2021.

RATZINGER, Joseph. *Teologia da Liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã.* Brasília: Edições CNBB, 2019.

ROCCHETTA, Carlo. *Os sacramentos da fé: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como maravilhas da salvação no tempo da Igreja.* São Paulo: Paulinas, 1991.